EDUCAÇÃO ARTÍSTICA
2010-2020

E-BOOK

Coordenadores: Miguel Falcão, Teresa S. Leite e Teresa Matos Pereira

FOTOGRAFIA: SUSANA SINTRA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

CIED. CENTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS EDUCACIONAIS

Ficha Técnica

As normas ortográficas seguidas em cada texto respeitam as opções dos autores.

Coordenação da obra
Miguel Falcão
Teresa S. Leite
Teresa Matos Pereira

Design da Capa
Vanessa Lança, DesignLab
Cátia Rijo, coordenadora DesignLab

Design e Paginação
Vanessa Lança, DesignLab
Cátia Rijo, coordenadora DesignLab

Créditos das fotografias
Capa: Susana Sintra
Separador- Introdução: Rute Ribeiro
Separador - Narrativas e Projetos: Pedro Vidinha
Separador - Testemunhos: Rute Ribeiro
Separador - Anexos: Joana Isabel Gaudêncio Matos

ISBN
978-989-8912-15-2

https://doi.org/10.34629/ipl/eselx/ebook.011

© 2021 do texto: os seus autores

Todos os direitos reservados.
Salvo o previsto na lei, não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro que ultrapasse o permitido pelo Código de Direito de Autor, como a sua recompilação em sistema informático, nem a sua transformação por meios electrónicos, mecânicos, por fotocópias, por registo ou por outros métodos presentes ou futuros, mediante qualquer meio para usos lucrativos ou privados, sem a autorização dos titulares do copyright e do autor que detém a propriedade intelectual da obra.

Educação Artística

Índice

Introdução 09

Perspetivas

Ana Bela Mendes - De que falamos quando falamos de criatividade? 21
Filipa Burgo - A Consagração da Criatividade num mundo em (R)evolução 27
Adriana Pardal - O lugar da arte como lugar de encontro 31
Tiago Almeida e Jorge Ramos do Ó - Para uma educação por vir 37
Leonardo Charréu - Da Investigação, dos métodos, da orientação e da escrita em educação e artes 41
Teresa Matos Pereira - Toda a forma de arte é completamente inútil. Quatro notas sobre Educação Artística e Investigação 45
Margarida Calado - Educação artística – um testemunho; algumas reflexões 53
Elisabete X. Gomes - Pensar a educação aprendendo com as artes 57
Miguel Falcão - Carta a um espectador de teatro principiante 63
Eugénia Vasques - Caminhos no Teatro Adaptado às Comunidades 69
Maria Constança Vasconcelos - Práticas artísticas e transformação sociocultural 73
Teresa S. Leite - Educação Artística no currículo do Ensino Básico 79
Sara Belo - Pedagogia vocal: improvisação e experimentalismo como vias criativas e dinâmicas de desenvolvimento e treino 85
Sidónio Garcia - O retrato da fotografia digital 89
Marta Coutinho - A vida do corpo 95

Narrativas e Projetos

Alexandra Baudouin - A brincar com a luz criei uma história 101
Joana Isabel Gaudêncio Matos - Uma questão de Tempo" – Projeto Artístico-Pedagógico 107
Pedro Vidinha - Educação Artística: desenvolver a criatividade através da tecnologia da imagem 113
Carla Pires Antunes e Catarina Tomás - "Fazer teatro é sonhar mas com os olhos abertos e a falar": Um olhar sobre o faz de conta no Jardim de Infância 117
Ana Nolasco - Oficina da Cor, espaço de experimentação: as possibilidades criativas do branco 123
Cristina Loureiro e José Pedro Regatão - Arte e Matemática — um caminho para a integração curricular 129
Cátia Rijo - Modelo de ação participativa no ensino do Design 137
Kátia Sá e Natália Vieira - Educação Artística em Contextos Extraescolares. Diagnóstico Sobre[Tudo] 143
Ana Gama - A Arte como ferramenta de inclusão social e desenvolvimento comunitário 151
Rita Wengorovius - Teatro em contexto de emergência - Teatro de Identidades 157
Vera Amorim - Sete Contributos para a Formação de Professores de Dança 163

Testemunhos

Professores

Teresa Vasconcelos - ... De quando um Grupo de "Alunos" educou seu "Mestre" 173
Ana Almeida - Oficina lúdica no museu 179
Luís Vieira e Rute Ribeiro - Sem medo de arriscar e abrir novos horizontes 183
Madalena Victorino – Recordações do futuro 187
Maria José Nobre (Maria Luiz) - Divergir... porque sim! 191

Estudantes

Ana Cláudio – Estimulante 195
Benedita Freitas e Cacilda Costa – Descoberta 196
Helena Vascon – Desafio 197
Luís Miguel António – Fonte 198
Mónica Garcez – Sementes 199
Pedro Branco – Caminhos 200
Susana Gaspar – Momentos 201
Ana Pinto – Experiências 202
Carla Pereira – Aprendizagem 203
Dora Pacheco – Conhecimentos 204
Tatiana Gomes – Processo 205
Ana Rita Nabais – Excelência 206
João Duarte Victor – Inquietação 207
Ana Isabel Augusto – Equilíbrio 208
Filipa Melo Marcos – Partilha 209
Ana Luísa Miranda – Identificação 210
Cidália Carvalho – Conquista 211
Luísa Duarte – Encontro 212
Madalena Ghira – Viagem 213
Patrícia Margarida Cotão – Exigência 214
Susana Sintra – Propostas 215
Paula Fortunato - Invisível 216

Anexos

Anexo 1 / MEA - Plano de estudos em vigor (Despacho n.º 7096/2019) 219
Anexo 2 / MEA – Professores de todas as edições 221
Anexo 3 / MEA – Estudantes que completaram a componente curricular em cada edição 224

Da Investigação, dos métodos, da orientação e da escrita em educação e artes

lcharreu@eselx.ipl.pt

[1]Leonardo Charréu

https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.125

As metáforas são uma ferramenta para capturar a essência de uma experiência.
(Lynne Cameron, 2003)

Esta reflexão resulta do contacto de alguns anos com a formação avançada politécnica e universitária, enquanto docente, orientador e membro de júris académicos. A diversidade de ambientes académicos, de perspetivas e filosofias formativas, bem como de dissertações e teses, tornaram claro ao autor destas linhas a singularidade de investigar dentro da grande área de conhecimento que os mecanismos de organização académica, em regra, classificam como *Humanidades e Artes* e, dentro deste grande território, no campo extraordinariamente ativo e movediço da educação artística.

A escolha de um tema considerado pertinente e original e de uma "pergunta de investigação", constituem das principais dificuldades sentidas pelos(as) mestrandos(as) e doutorandos(as) na hora de, já avançados no seu percurso curricular dos programas de mestrado e de doutoramento, chegarem ao tormentoso momento de situar e definir o que efetivamente querem investigar e como querem investigar. É verdade que muitos estudantes (sobretudo os mais seniores) já trazem uma ideia, ainda que muitas vezes difusa, daquilo que querem investigar e de como pensam fazê-lo. Mas uma grande maioria destes(as) estudantes de formação avançada espera definir o seu objeto de pesquisa a partir daquilo que lhe ditar a experiência vivida na frequência da componente curricular do curso com o seu elenco de disciplinas, as sugestões expressas (ou veladas) de temas de pesquisa por parte dos seus professores, eles próprios envolvidos em processos investigativos que, frequentemente, deixam naturais pontas soltas e hiatos que necessitam de preenchimento investigativo contínuo.

[1] Licenciado em Belas Artes (FBAUP/UP), mestre em História da Arte (FCSH/UNL) e doutor em Belas Artes pela Universidade de Barcelona. É professor na Escola Superior de Educação de Lisboa (IPL) e membro investigador do CIEBA (FBAUL/UL), do CIED (ESELX/IPL) e do GEPAEC (UFSM, Brasil).

Em determinados países, muitas vezes, o(a) estudante de formação avançada já se candidata a mestrado e doutoramento a partir de um pré-projeto também elaborado em função de um determinado professor, pensado para orientador (e respetiva temática de investigação), ou em função de linhas de investigação a funcionar em centros de investigação que sustentam (ou deveriam sustentar) os programas de mestrado e doutoramento. Ultimamente, as plataformas digitais de acesso livre de publicação e publicitação de *curricula vitae* (Orcid, Ciência Vitae, Researchgate...) proporcionam ao comum dos cidadãos, logo também aos candidatos a mestrado/doutoramento, o "conhecimento" da biografia académica dos docentes/investigadores do ensino superior e, por essa via, perceberem se a sua temática de investigação encontra ressonâncias com a do docente/orientador (expressa na sua publicação científica) que julgam ser mais adequado à sua temática investigativa.

Na escolha do processo segundo o qual se terá que desenvolver a investigação, o embate com as questões do *método* é incontornável. Segundo alguns autores, "a questão do método, é responsável por boa parte das neuras dos estudantes que iniciam a carreira de pesquisador" (Gondim & Lima, 2010, p.7). Para dar sentido à escrita académica, não ensaística, resultante de uma análise de trabalho empírico, é crucial um processo mais ou menos sequencial de investigação. Uma metodologia de investigação, como a Investigação-Ação, muito popular em educação, ou as mais instigantes (e, talvez por isso, menos usadas) Investigação Narrativa, Autoetnografia e Grounded Theory, têm agregadas a si uma estrutura etápica, onde o investigador vai progredindo até a um momento final a partir do qual "prestará contas" com a escrita do relatório, dissertação ou tese.

Ainda que a maioria das publicações sobre metodologias de investigação científica, nesse sensível capítulo da escrita, defenda uma redação baseada na função denotativa da linguagem, logo despida de artifícios poéticos e do uso das figuras de estilo, como a metáfora, não é menos errado pensarmos também que a singularidade desta desafiante *área de encontro*, que é aquela onde a educação e as artes se confrontam, talvez exija formas de escrita mais criativas, ou inventivas (Ramos do Ó, 2019), que sejam mais coerentes com a natureza, por vezes ambígua e mutante, do próprio objeto de estudo.

Segundo Boaventura Sousa Santos, "cada método é uma linguagem, e a realidade responde na língua em que foi perguntada" (Santos, 2002, p. 48). Consequentemente, muitas das expressões artísticas deveriam *responder à pergunta* de investigação com as especificidades que lhe constituem a essência, isto é, colocando-se a obra de arte, ou processo artístico como *dado* da investigação, "produzido" pela investigação e não meramente "recolhido" por ela. Na realidade, muitas metodologias recentes que emergiram no campo da educação artística, como a *artografia* e a *cartografia*, enfatizam bastante a integração da obra de arte na investigação, não como mera ilustração de uma qualquer ideia, mas como "corpo" de pleno direito que ajuda a tensionar as relações do próprio texto com outros elementos (imagens, diagramas, esquemas...) que constituem uma morfologia esperada (e lógica) numa dissertação ou tese da área da educação artística.

Como sublinham Tom Barone e Elliot Eisner: "estes textos frequentemente têm falta de certos elementos estruturais estéticos que possam funcionar para uma transmutação de sentimentos, pensamentos e imagens sob uma forma estética" (Barone & Eisner, 2006, p. 126). Referindo-se aos textos e à forma denotativa de os redigir, que é hegemónica na redação científica, estes autores defendem que a adoção de uma perspetiva literária poderia ser mais capaz para narrar artisticamente o que acontece na/com a investigação.

Segundo outros autores, dentro da mesma linha de pensamento, usar metáforas eficazes pode fornecer uma nova perspetiva, sugerir semelhanças, oferecer *insights* sobre como redefinir um problema (em educação artística) e comunicar efetivamente uma ideia complexa a outras pessoas (Hadani & Jaeger, 2015; Thibodeau, & Boroditsky, 2011).
Assim sendo, e para renovar o prazer da leitura, de quem, por obrigação e dever académico, tem que ler regularmente muitas dissertações e teses, a adoção de novas perspetivas e estilos de escrita, não sendo obviamente uma obrigação imposta por qualquer programa de mestrado ou doutoramento, poderia, pelo menos, abrir-se mais a essa possibilidade de inovação e renovação, e trazer uma lufada de ar fresco a um ambiente muito marcado pela tradição e por um determinado conservadorismo dos modos e estilos de escrita.
Talvez assim, assumindo uma forma *metainvestigativa*, por intermédio de uma escrita mais criativa e inventiva, pudéssemos, simultaneamente, dar relevo a uma das artes – as artes literárias – que, sendo verbais, costumam, devido à sua natureza intrínseca, estar arredadas das áreas artísticas não verbais que, em regra, são aquelas que estão mais circunscritas na investigação em Educação Artística.

Referências

Cameron, L. (2003). *Metaphor in educational discourse*. New York: A&C Black.

Barone, T. & Eisner, E. (2006). Arts-based Educational research. In Green, Camilli & Elmore, *Complementary methods in educational research* (pp. 95-103). New York: Lawrence Erlbaum Associates Inc.

Gondim, L. & Lima, J. (2010). *A pesquisa como artesanato intelectual*. São Carlos: Edufscar.

Hadani, H. & Jaeger, G. (2015). *Inspiring a generation to create: Critical components of creativity in children*. Sausalito: Center for Childhood Creativity.

Ramos do Ó, J. (2019) *Fazer a mão, por uma escrita inventiva na Universidade*. Lisboa: Edições do Saguão.

Santos, B. de S. (2002). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento.

Thibodeau, P. & Boroditsky, L. (2011). Metaphors we think with: The role of metaphor in reasoning. *PLoS One*, 6 (2), e16782.